

## As “Caravanas de Imagens”: o projecto do Cinema Ambulante

O início da guerra civil em Espanha, em 1936, determinou que um dos projectos mais acarinhados por Ferro – o Cinema do Povo, criado no ano anterior e circunscrito a Lisboa, com sessões nos bairros mais populosos da capital, no Verão, e nas juntas de freguesia, sindicatos, escolas e quartéis, no Inverno – se tornasse nacional e ambulante, passando a percorrer o país rural e interior (incluindo o arquipélago dos Açores, na temporada de 1945-46).

Foi inspirada, como tantas outras iniciativas do director do Secretariado, no que se passava na Europa, onde, em países como a Rússia, França, Alemanha, Inglaterra, Suíça ou Holanda, este tipo de cinema móvel se apresentava sob a orientação do Estado. Mais um projecto efémero. Que, tal como outros de Ferro, durou enquanto ele esteve à frente do Secretariado. Quando saiu, o Cinema Ambulante estava condenado. Durou até 1954.

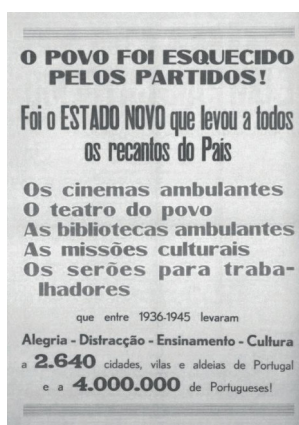
Mas este fim foi determinado também por outros factores. Na realidade, o mundo na década de 1950 tinha mudado e as preocupações do regime também. Em Espanha, estava agora firmemente implantada uma ditadura e o medo da ameaça comunista, tão aceso durante o período da guerra civil, tinha entretanto desaparecido<sup>126</sup>. Um ‘ambiente’ que, de certa forma, se estendia a Portugal. Aqui, a promoção do corporativismo e das Casas do Povo tinha deixado, também ela, de ser uma prioridade, face à sua progressiva e segura implementação no território nacional. O foco voltava-se agora para as ameaças às possessões coloniais de Portugal, sobretudo no subcontinente indiano, quando a União Indiana se tornou independente. E para a televisão, que faria as primeiras emissões experimentais a 4 de Setembro de 1956, na Feira Popular do Parque da Palhavã, em Lisboa.

Mas, enquanto existiram, os dois camiões do Cinema Ambulante percorreram, em circuitos com a duração média de cinco meses, aldeias recônditas, sem electricidade, com habitantes analfabetos na sua maioria, cuja vida se resumia ao seu quinhão de terra e à aldeia. As informações que as equipas do Cinema Ambulante registavam nos diários dão conta da reacção entusiástica destes homens, mulheres e crianças face a uma absoluta novidade: o cinema e, em especial, o cinema sonoro. Reacções surpreendentes, de absoluta surpresa. Aterrorizada amiúde, com relatos de choque e fuga, seguidas de um retorno, aguçado pela curiosidade.

---

<sup>126</sup> Recorde-se ainda que, internamente, a situação nesses anos iniciais do Estado Novo era ainda de instabilidade, visível na tentativa de assassinato de Salazar, em Julho de 1937, por anarco-sindicalistas.

Estas “caravanas de imagens”, como se lhes referia Ferro, realizavam as suas sessões, gratuitas, nas salas das juntas de freguesia, das sociedades recreativas e outros organismos locais, ou ao ar livre, conseguindo ter audiências que nunca se viam nas salas de cinema, como relata a *Cinéfilo*: “A grande vantagem dos cinemas ambulantes é, pois, a de chegar a toda a parte. Montados em camiões, uma máquina e meia dúzia de filmes, nada mais é preciso para organizar uma *tournée* de êxito garantido, de resultados seguros e profícuos”<sup>127</sup>. Que resultados? A educação do espírito, na linguagem dos organizadores. Por outras palavras: por meio do cinema, pretendia-se a doutrinação ideológica destes públicos pouco sofisticados, já que se considerava que o cinema permitia “ministrar noções, insuflar ideias no cérebro dos assistentes, sem que os mesmos dêem por isso”<sup>128</sup>. Para Ferro, outra função (ou outro entendimento), associada a esta de propaganda política: o Cinema Ambulante servia para



**Cartaz concebido pelo Secretariado, para divulgação das iniciativas culturais populares (sem data)**

“educar o bom gosto do povo”, mas também o distrair, “para lhe dar, todas as semanas ou todos os meses, algumas horas de alegria, e esquecimento” (1950b:35-38). Esquecimento de quê? Ferro explicava, para que não houvesse dúvidas: para ajudar o povo a “suportar e a vencer as agruras e as torpezas da vida”<sup>129</sup>.

Grande parte destas sessões foram programadas por Manuel Félix Ribeiro, o chefe da Secção de Cinema do Secretariado, e tendiam a emparelhar uma longa-metragem de ficção com documentários de propaganda, do regime e da sua obra, compreendendo cerca de seis filmes por sessão. Existiram ainda sessões infantis, com uma programação própria, constituídas principalmente por desenhos animados.

Dos filmes de ficção nacionais, os mais programados foram *A Revolução de Maio* e *O Feitiço do Império*, de que falarei mais à frente. Mas também *As Pupilas do Senhor Reitor*, de Leitão de Barros, ou *João Ratão*, de Brum do Canto. Na fase final, foram mostrados sobretudo filmes folclóricos e as comédias portuguesas – *O Pátio das Cantigas*, *O Pai Tirano*, *Os Vizinhos do Rés-do-Chão* – além dos filmes da campanha de alfabetização de adultos.

Todavia, face à escassez inicial da produção nacional de ficção, a Secção de Cinema do SPN teve de comprar programas de filmes a distribuidoras, sobretudo estrangeiras, como a Paramount e a Metro-Goldwin, do que resultou a programação dos Cinemas Ambulantes, na fase inicial, incluir

127 Os cinemas ambulantes. *Cinéfilo*, nº 254, 1.7.1933, p. 3.

128 Os cinemas ambulantes. *Cinéfilo*, nº 254, 1.7.1933, p. 3.

129 Sem êxito não há cinema. *Animatógrafo*, 2ª Série, nº 41, 18.8.1941, p. 5.

filmes de evasão norte-americanos, como *A Connecticut Yankee*, uma película de David Butler que adaptava uma obra de Mark Twain, *Sky Devils*, de Edward Sutherland, ou *Captains courageous*, de Victor Fleming, numa adaptação da novela de Rudyard Kipling, ambientado a bordo de uma escora da pesca do bacalhau e tendo como personagem principal um pescador português chamado Manuel<sup>130</sup>.

Também se projectaram películas alemãs, em resultado dos contactos mantidos pelo número 2 de Ferro no Secretariado, António Eça de Queiroz – filho do célebre escritor, e germanófilo assumido – com o ministro da Alemanha em Lisboa, por volta de 1937, pedindo-lhe filmes alemães que não fossem de cariz claramente doutrinário e político, mas que permitissem mostrar “que só os Estados fortes e os regimes de autoridade podem realizar grandes obras e enfrentar grandes problemas” (apud Piçarra, 2020: 108). Assim, mostraram-se pelo país rural sobretudo comédias de evasão alemãs e de cariz familiar, de que foram exemplos os filmes *Emil und die detektive* (Emílio e os detectives), de Gerhard Lamprecht, e *Ich will nichtwissen, wer du bist* (Não quero saber quem és), realizado por Géza von Bolváry.

Por fim, é de referir a presença da cinematografia espanhola no Cinema Ambulante: além dos filmes da Cifesa, durante a guerra civil, de conteúdo pró-revoltosos, exibiram-se, depois de 1939, *Sin novedad en el Alcázar*, uma produção italo-espanhola, realizada por Augusto Genina, e o célebre filme ícone do franquismo, *Raza*, com argumento do próprio Franco, e dirigido por José Luis Sáenz de Heredia, parente de Primo de Rivera, fundador da Falange, o partido fascista posteriormente liderado por Franco. A primeira película trata da guerra civil no país vizinho e retrata o ataque ao Alcázar de Toledo – o célebre palácio fortificado sobre rochas, situado na parte mais alta da cidade – pelas tropas republicanas e a sua defesa (heroicizada no filme) pelos franquistas. Já *Raza* constitui uma espécie de autobiografia do ditador – a família Churruca do filme é uma versão revista da própria família de Franco, e o herói José Churruca assume-se como o seu *alter ego* ficcional – mas, sobretudo, uma versão nacionalista da história do país.

Quanto aos documentários, eram apresentados inicialmente os realizados pela equipa de cinema do Secretariado, dos quais se destacam, entre mudos e sonoros: *Lançamento do Douro* (1933), *Parada de Vanguardistas*, *Festas escolares de Setúbal*, *Inauguração do Porto de Setúbal*, *Lançamento do*

---

130 Como nos conta Paulo Cunha, o filme foi recebido entre nós como se fosse um filme português produzido nos estúdios da Tobis Portuguesa, com um fervor nacionalista que se reflectiu no mediatismo da sua recepção na imprensa, anormal para o cinema estrangeiro da época, e na ideia, cedo congeminada, de se prestar uma homenagem nacional a Spencer Tracy, que tinha encarnado a figura do pescador português e tinha, inclusive, aprendido algumas palavras na nossa língua para poder cantar uma balada e proferir algumas frases. A razão para todo este ‘delírio’? O facto de se entender que esta obra projectava, no exterior, uma realidade considerada profundamente portuguesa, destacando as qualidades e o heroísmo da gente portuguesa (entrada “Manuel, o pescador português que venceu um Oscar”, no blog *À Pala de Walsh*: <https://www.apaladewalsh.com/2020/04/manuel-o-pescador-portugues-que-venceu-um-oscar/>).

*Dão, Festa nacional operária de Braga, Estradas de Peniche* (todos de 1934), *Carmona e Salazar – Ídolos do Povo e Comícios Anti-Comunistas* (1936), *Parada da Legião e da Mocidade e Exposição de Pesca e Parada dos Pescadores da Póvoa de Varzim* (ambos de 1937) ou *Comemoração do Aniversário da Batalha de Aljubarrota* (1938)<sup>131</sup>. A partir de 1938, a projecção do *Jornal Português* passou a ocupar o espaço para o género documental nestas sessões.

O Cinema Ambulante reunia uma comunidade. E esse facto não deixaria de ser aproveitado pelos promotores. Previamente ao visionamento das obras seleccionadas, realizavam-se breves conferências doutrinárias, normalmente por chefes locais das organizações do regime, como a Legião Portuguesa ou a União Nacional, membros do clero e professores, que sublinhavam perante a assistência as virtudes do regime salazarista. Não há maneira melhor de o dizer: tratava-se, portanto, de um ‘cinema missionário’.

E como tal percorreu o país, de lés a lés. Podemos ver essa influência na tabela que se apresenta onde, aos anos iniciais, de estabelecimento do modelo, se seguiu uma década de 1940 de pleno funcionamento.

ANO	SESSÕES	ESPECTADORES	OBS.
1936/1937	127	c. 128 000	Cinema Ambulante nº 1
1938	141	215 000	Cinema Ambulante nº 1 e nº 2 [Em 1948, o Cinema Ambulante nº 1 esteve activo apenas até 23/09, tendo sofrido um incêndio que o destruiu]
1939	306	54 000	
1940	264	38 000	
1941	351	176 350	
1942	257	199 850	
1943	216	388 350	
1944	186	318 270	
1945	192	412 250	
1946	71	123 500	
1947	186	326 700	
1948	113	164 904	Cinema Ambulante nº 2
1949	91	125 200	
1950	90	162 900	
1951	64	84 800	
1952	Inactivo por avaria		
1953	95	139 800	
1954	44	50 600	
<b>Totais</b>	<b>2 794</b>	<b>3 108 474</b>	

**Figura 2:** Dados sobre o Cinema Ambulante (1936-1954) (autoria própria) (Fonte: Piçarra, 2020)

131 Para ver uma lista mais completa, consultar Piçarra, 2020.

Todavia, a partir de 1948, como se vê, a situação parece começar a mudar. Um relatório escrito em Maio de 1950 sobre a actividade dos cinemas ambulantes revelava a necessidade de se fazer um balanço da iniciativa, passados que estavam quinze anos sobre a sua criação. Balanço necessário. Por exemplo, porque em 1948 ardeu o camião nº 1, ficando inoperacional. Muitos questionavam-se se valia a pena recuperá-lo. Mas o mais provável seria que, tendo Ferro partido para Berna, para as suas novas funções diplomáticas, e tendo entrado José Manuel da Costa para o cargo deixado vago, se (re)pensava a iniciativa. A decisão será de continuidade, mas apenas com um camião, o que afectará, nesses anos finais, de forma muito óbvia, a sua eficácia na cobertura do território nacional.

Os dois últimos anos de existência da iniciativa, de forma oficial, viram opor-se-lhe outro obstáculo, tido em conta pelos responsáveis: o da concorrência que o Cinema do Povo fazia nas (e às) localidades que tinham salas de cinema, entrando involuntariamente em directa competição com as mesmas, pois as projecções ambulantes eram gratuitas. Também na programação se verificaram alterações, aligeirando-se, deixando o seu lado mais marcadamente doutrinário e ideológico, e insistindo sobretudo num cinema mais de acordo com o gosto popular. Estes anos 50 são, portanto, os anos de uma morte lenta (e porventura anunciada, como se viu, desde finais da década anterior). Depois da temporada de 1954, em 1955 assumiu-se que o Cinema Ambulante não poderia actuar, uma vez que todo o seu material necessitava de ser renovado, em consequência do desgaste de um equipamento que funcionava sem interrupções desde 1938. A mudança de director do Secretariado – era agora Eduardo Brazão – também não ajudou. O seu gosto ia para o papel, não para o cinema, como vimos. E o projecto de Ferro morreu aqui... de morte lenta.